

**PNEUMATOLOGIA E DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO: AS
TENTATIVAS DE AMOS YONG E CLARK PINNOCK**

597

*Fabrcio Veliq**

* *Doutorando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte (FAJE) e
Doutorando em teologia pela Katholieke Universiteit Leuven (KU Leuven). Bolsista CAPES.*

Resumo

A pluralidade religiosa é uma realidade desde os primórdios da sociedade. O povo de Israel, desde seu início, se viu cercado por outras religiões e teve que conviver com elas. O Cristianismo também, desde suas origens, teve a necessidade de conviver e responder às questões propostas por outros grupos que não tinha Cristo como Senhor. Nesse sentido, a pluralidade religiosa não se mostra como algo novo. Contudo, nem sempre a pluralidade religiosa foi vista como benéfica, e o próprio Cristianismo durante muito tempo teve uma postura de recusa em ouvir o que as outras religiões tinham a dizer, considerando-se a única voz digna de falar a respeito dos mistérios de Deus. Com o advento da modernidade, a hegemonia do Cristianismo deixa de existir e os discursos de explicação do mundo, do humano e da sociedade propostos por outras religiões também passam a ser considerados como verdadeiros e dignos de existência. No cenário atual, o diálogo inter-religioso se coloca como tarefa imprescindível para o Cristianismo, caso esse queira continuar como uma voz que faça sentido dentro de uma sociedade plural. Diversas foram as tentativas, no âmbito teológico cristão de dialogar com as outras religiões. De início, essas tentativas foram feitas pelo viés cristológico. Essas, porém, dividindo-se em exclusivistas, inclusivistas e pluralistas não conseguiram, segundo Amos Yong, dar respostas satisfatórias à questão do diálogo inter-religioso. Mediante isso, ocorre uma guinada para a tentativa do diálogo inter-religioso pela via da pneumatologia. O intuito dessa comunicação é mostrar, brevemente, duas tentativas de diálogo inter-religioso por essa via, a saber, a tentativa de Clark Pinnock, teólogo Evangélico, e a tentativa de Amos Yong, teólogo Pentecostal. Tentaremos expor as linhas gerais do pensamento desses dois teólogos sobre a temática a fim de mostrar os avanços e possíveis limitações existentes em suas propostas de diálogo inter-religioso.

599

Palavras-chave: Diálogo inter-religioso; Amos Yong; Clark Pinnock

Abstract

Religious plurality has been a reality since the beginnings of society. The people of Israel, from the beginning, found themselves surrounded by other religions and had to live with them. Christianity, too, from its origins, had the need to live and respond to questions posed by other groups that did not have Christ as Lord. In this sense, religious plurality does not appear as something new. However, religious plurality was not always seen as something good, and Christianity itself had for a long time a refusal to listen to what other religions had to say, considering itself as the only voice worthy to speak about the mysteries of God. When the Modernity arrives, the hegemony of Christianity ceases to exist and the discourses of explanation of the world, the human and the society proposed by other religions also come to be considered as true and worthy of existence. In the present scenario, inter-religious dialogue is an indispensable task for Christianity, if it wants to continue as a voice that makes sense within a plural society. Several attempts were made in the Christian theological sphere to dialogue with other religions. At first these attempts were made by Christological bias. These, however, being divided into exclusivists, inclusivists and pluralists were unable, according to Amos Yong, to give satisfactory answers to the question of inter-religious dialogue. Thus, there is a shift towards the attempt of inter-religious dialogue through pneumatology. The purpose of this communication is to briefly show two attempts at inter-religious dialogue. First, the attempt of Clark Pinnock, an Evangelical theologian. Second, the attempt of Amos Yong, a Pentecostal theologian. We will try to expose the general lines of thought of these two theologians on the subject in order to show the advances and possible limitations that exist in their proposals for inter-religious dialogue.

Keywords: Inter-religious dialogue; Amos Yong; Clark Pinnock

Introdução

Ao longo de sua história, o Cristianismo sempre conviveu com as outras religiões. Sua própria origem tem fundamento na religião judaica de seu tempo e não pode ser desvinculada dos aspectos religiosos que perpassam essa religião. No entanto, essa convivência religiosa nem sempre se deu de maneira amistosa, sendo constantes os embates entre o Cristianismo e as outras religiões, tanto na Idade Antiga quanto na Idade Média.

Com o advento da Idade Moderna e Contemporânea, pensar a questão do diálogo inter-religioso se tornou uma tarefa mais que fundamental dentro da sociedade, uma vez que o Cristianismo, diferentemente da Idade Média, não gozava mais da hegemonia que tinha.

Dessa forma, no século XX surge no meio cristão a chamada Teologia Cristã das Religiões que tem o intuito de refletir sobre a relação entre Deus e o fenômeno da religião a partir da fé cristã (YONG, 2003, p.14). Em outras palavras, essa Teologia visa “pensar teologicamente sobre o que significa para cristãos viver com pessoas de outras fés e sobre a relação do Cristianismo com outras religiões” (KÄRKKÄINEN, 2004, p.2). Por causa dessa especificidade, alguns autores, como o próprio Kärkkäinen, preferem o termo Teologia do Pluralismo Religioso, por refletir melhor o desafio de uma teologia das religiões na atualidade.

Diversas foram as tentativas cristãs para a efetivação desse diálogo entre as religiões. De início, essas tentativas se deram pelo viés cristológico, em que nomes como Jacques Dupuis, John Hick e Paul Knitter são constantemente lembrados pelas suas inúmeras contribuições nesse campo.

Contudo, essa tentativa cristológica, dividida nas perspectivas exclusivistas, na qual a salvação somente se dá por meio da adesão à fé cristã, inclusivista, na qual a salvação pode ser alcançada por meio das outras religiões por meios que somente são conhecidos por Deus e pluralista que admite que a salvação é universal e acessível a todos e

todas, independente da cultura religiosa onde ela está inserida, resulta, segundo Yong, em um impasse uma vez que somente se preocupam em como se dá a salvação nessas outras religiões e não nas próprias religiões em si.

Diante disso, alguns autores voltam sua atenção para uma abordagem pneumatológica para o diálogo inter-religioso. Dentre vários, essa comunicação tem o intuito de apresentar a tentativa de dois autores: Clark Pinnock e Amos Yong.

A tentativa de Clark Pinnock

Clark Pinnock foi um teólogo canadense que viveu de 1937 a 2010 e pode ser considerado um dos grandes inovadores dentro do movimento protestante evangélico. É considerado um dos representantes da “ala esquerda” desse movimento, sendo mais conhecido pela sua proposta de um teísmo aberto¹.

No que tange à temática de nosso texto, a tentativa de Clark Pinnock em abordar o diálogo inter-religioso a partir da pneumatologia

¹ O teísmo aberto pode ser considerado uma crítica à visão clássica a respeito de Deus e sua soberania. Para o teísmo aberto, Deus está aberto para o futuro e vêem no aspecto amoroso de Deus sua maior característica. Dessa forma, Deus também é afetado pelas ações humanas e age em relação com eles. Essa ideia, primeiramente desenvolvida por Pinnock e outros autores em 1994, é trazido à maturidade, como nos indica Kärkkäinen, em 2001 em seu livro *Most Moved Mover: a theology of God's openness*. Nas palavras de Pinnock: “A fim de trazer a verdade a respeito do domínio de Deus sobre o mundo, a característica dinâmica de sua natureza e a abertura dos seus relacionamentos amorosos mais efetivamente, eu mesmo e alguns colegas oferecemos o modelo ‘abertura de Deus’, chamado assim porque era um termo atraente e não usado. Nele retratamos Deus como uma comunhão triuna que busca relacionamentos de amor com seres humanos, tendo concedido a eles liberdade genuína para esse propósito. Amor e não liberdade foi nossa preocupação central porque foi o desejo de Deus por relacionamentos de amor que requereu a liberdade. Em um movimento controverso, nós também previmos Deus fazendo o mundo, o futuro que ainda não está completamente estabelecido, novamente para fazer sala para a entrada de criaturas significativas”. Como mostra em nota, a definição de Pinnock caracteriza o amor e não a liberdade como valor maior para Deus. Cf. PINNOCK, Clark H. *Most moved mover: a theology of God's openness*. London. Paternoster Press: 2001, p.3. Ver Também KÄRKKÄINEN. Veli-Matti. *Trinity and Religious Pluralism: the doctrine of the Trinity in Christian theology of religions*. Aldershot. Ashgate: 2004, p.98-100. Também PINNOCK, Clark H.; RICE, Richard; SANDERS, John; HASKER, William; BASSINGER, David. *The openness of God: a biblical challenge to the traditional understanding of God*. Illinois. IVP Academic: 1994, 202 p.

pode ser percebida em seu livro *Flame of Love*². Para ele, o Espírito, ao longo das tradições católicas e protestantes, foi esquecido, o que nos faz, comumente em nossa linguagem o considerar como a terceira pessoa e em terceiro lugar nas relações trinitárias.

Para Pinnock, o Espírito é a energia da vida mesma e está presente na natureza e na história e, embora falemos a respeito do Espírito como terceiro, do ponto de vista da experiência, ele é o primeiro porque por meio dele que experimentamos a Deus. O Espírito está presente na natureza e na história e, nesse sentido, o Espírito é o “êxtase da vida divina, a ligação de amor na Trindade e o transbordar abundante de Deus externamente” (PINNOCK, 1996, p.15).

Pinnock defende que o Espírito está nos lugares mais inalcançáveis desse mundo maravilhoso e ambíguo. Está presente em todo lugar, tanto transcendente como informando todas as coisas. Como consequência, também está a agir nas outras religiões do mundo.

Para ele, “a largura cósmica das atividades do Espírito pode nos ajudar a conceituar a universalidade da graça de Deus” (PINNOCK, 1996, p.187). Assim, “não há nenhuma revelação geral ou conhecimento de Deus que não seja ao mesmo tempo uma revelação graciosa e um poder salvador em potencial” (PINNOCK, 1996, p.187).

Para Pinnock, é no reconhecimento dessa largura cósmica das atividades do Espírito que podemos entender melhor a questão da universalidade divina (cf. PINNOCK, 1996, p.188). A obra de Cristo foi completa em favor de muitos e, dessa forma, é pela presença universal do Espírito que essa salvação pode alcançar a todos. Com isso em mente, clama que não sejamos tão certos a respeito de quem será justificado e de quem não o será.

No pensamento de nosso teólogo, o Espírito seria como um diretor de uma peça se se considera o mundo como um palco. Ele é aquele que direciona a economia da salvação por sua influência sutil

² Embora em seu livro *Wideness in God's mercy: the finality of Jesus Christ in a world of religions* nós possamos ver pequenos traços de uma mudança rumo a uma abordagem pneumatológica, é em sua obra *Flame of Love: a theology of the Holy Spirit*, que seu esforço se torna mais evidente. Cf. YONG, Amos. *Beyond the impasse: toward a pneumatological theology of religions*. 2003, p. 118.

e espalha seus dons generosamente mesmo para aqueles e aquelas que estão fora da Igreja e em um mundo selvagem (cf. PINNOCK, 1996, p.194).

Dessa forma, a graça, segundo Pinnock, é extensível a todos os lugares onde o Espírito está. Essa graça está tanto na revelação geral como na revelação especial, sendo as duas completadas em Jesus Cristo. Assim, prefere dizer que não há salvação fora da graça, ou apenas, finalmente, fora de Cristo.

Assim, a missão de Cristo não é uma ameaça à do Espírito nem a do Espírito à de Cristo, uma vez que a missão de Cristo pressupõe o Espírito e a missão do Espírito é orientada para os objetivos da encarnação. “A missão do Espírito é trazer a história à conclusão e cumprimento em Cristo” (PINNOCK, 1996, p.194).

Segundo Pinnock, o Espírito pode ser encontrado no alcance de toda experiência³. Para nosso teólogo,

Porque verdades estão incorporadas em várias tradições religiosas, devemos procurar pontes redentoras para as outras tradições e inquirir se a palavra de Deus foi ouvida pelos que a aderem. Precisamos olhar as outras tradições com um entendimento empático e a nós mesmos com olhar crítico (PINNOCK, 1996, p.201).

Em seu pensamento, a teologia deve se enriquecer com a interação com outras filosofias religiosas da mesma forma que também deve enriquecer essas tradições. Para ele, esse diálogo levanta oportunidades para falar de Cristo como Deus revelado e encarnado na vida humana.

Para Pinnock, devemos dizer tanto sim como não para as outras religiões. Devemos aceitar sua profundidade e aceitar as verdades nelas contidas, mas também devemos rejeitar escuridão e erros e, pelo menos, ver outras fés como insuficiente fora do cumprimento em Cristo.

³ Embora chama a atenção para a temática, o tema da experiência não é trabalhado por Pinnock em sua obra.

Assim, devemos tanto falar da operação universal da graça e a unicidade da manifestação em Jesus Cristo (PINNOCK, 1996, p.202).

Segundo nosso teólogo, um dos medos do protestantismo de não pensar a ação do Espírito nas outras religiões seria o de perder a unicidade da encarnação. Contudo, considera que seria estranho se o Espírito se ausentasse da grande arena da cultura onde as pessoas buscam por um significado (PINNOCK, 1996, p.203). Nesse sentido, uma vez que Deus está buscando os pecadores, por que não o faria também na esfera das religiões?

Religião é um importante seguimento da cultura, e Deus está em contato com ela. É central para a vida humana, porque nós somos feitos para a comunhão com Deus e nossos corações não tem descanso enquanto não o encontramos. Pessoas procuram a religião para respostas às suas questões profundas. Deus está trabalhando desenhando-as. O Espírito, que está trabalhando em todo lugar, está trabalhando na história das religiões, e as religiões tem um papel na história da graça, como o Espírito move o mundo rumo ao Reino. O mundo está sendo preparado para o evangelho assim como pontes redentoras são criadas nas culturas humanas. Não nos maravilhemos em encontrar pessoas santas e sinais da verdade nas religiões mundiais. Elas podem prover uma janela de oportunidade para o Espírito para alcançar pecadores, sem diminuir a importância de Jesus, o cumprimento de todas essas aspirações (PINNOCK, 1996, p.15).

605

Diante disso, para Pinnock, não seria sábio considerar as religiões como veículo de graça. Pinnock considera importante diferenciar e não minimizar as diferenças entre as religiões e coloca as experiências religiosas como aquelas que podem ter um papel preparatório no caminho para Jesus. A auto-revelação decisiva de Deus está somente em Jesus Cristo, porém também reconhece que Deus não é nossa propriedade, mas está ativo por meio da criação e da história.

Por último, considera a questão do discernimento. Para ele, Deus não é o único poder no mundo e Deus não controla tudo de uma maneira unilateral. Mesmo estando presente em todo lugar, o Espírito não é

idêntico a todas as coisas e certamente não o é com aquilo que engana e destrói. Diante disso, sua pergunta é a respeito do reconhecimento do Espírito além da Igreja. Para ele, a resposta é achada na missão dupla do Filho e do Espírito e no *link* entre eles. “A verdade encarnada é o critério para testar os espíritos e a questão a ser perguntada é cristológica (1 Jo 4:2-3). O Espírito está de acordo com o Filho e concorda com o que ele disse e fez” (PINNOCK, 1996, p.209).

Assim, de acordo com nosso teólogo, aquilo que o Espírito diz não pode ser oposto à revelação que temos em Cristo. O Espírito está ligado à palavra de Deus da mesma forma que a palavra está ligada ao Espírito. Dessa forma, devemos olhar para os frutos do Espírito e para o caminho de Jesus Cristo.

A tentativa de Amos Yong

Amos Yong, teólogo malasiano e crescido nos Estados Unidos, pode ser considerado, na atualidade, um dos teólogos que mais se debruçou a respeito do diálogo inter-religioso por meio de uma questão pneumatológica.

Como dito anteriormente, o interesse de Yong por uma abordagem pneumatológica acerca do diálogo inter-religioso se dá devido ao impasse que as perspectivas exclusivistas, inclusivistas e pluralistas oferecem a essa temática, sendo mais uma teologia soteriológica a uma teologia das religiões (YONG, 2003, p.23-26).

Sua proposta se baseia em três axiomas, a saber: 1 – Deus é universalmente presente e ativo no Espírito, o que leva Yong a se perguntar sobre a ação do Espírito na vida humana, na sua cultura e em seu aspecto social; 2 – o Espírito de Deus é o sopro de vida da *imago Dei* em todo ser humano e o pressuposto de toda relação humana e comunitária; 3 – as religiões do mundo, como tudo que existe, são providencialmente sustentadas pelo Espírito de Deus para propósitos divinos (Cf. YONG, 2003, p.44-46).

Diante disso, toma como base a chamada pneumatologia fundacional desenvolvida por Donald Gelpi, e propõe um fundacionismo ancorado naquilo que denomina como imaginação pneumatológica. Em resumo, a pneumatologia fundacional (que diz que toda experiência humana é uma experiência do Espírito) tem sua epistemologia em uma imaginação pneumatológica (a lente pela qual vemos determinada coisa, ou seja, “um processo sintético de fazer-o-mundo que faz a ponte entre a percepção elementar e a cognição na experiência humana”) (Cf. YONG, 2003, p.80).

Com isso em mente, sua proposta de diálogo inter-religioso pela via pneumatológica, num primeiro momento, foca na questão do discernimento, ou seja, como o Espírito pode ser discernido dos espíritos das outras religiões, tendo por base três teses centrais: a primeira é a de que todas as coisas são compostas por *Logos* e *Pneuma* (as duas mãos do Pai), sendo o *Logos* a forma concreta e o *Pneuma* “o complexo de hábitos, tendências, e determina aquela forma, guia, e em algum aspecto manifesta e, ou determina seu comportamento fenomenal ou concreto” (YONG, 2003, p.130), a segunda de que os autores bíblicos entendem discernimento como a “cultivação da percepção humana e sentidos cognitivos que capacitam penetrar as formas concretas das coisas no interior de seus espíritos” (*Ibid.*, p.130), e a terceira é que o discernimento espiritual em seu sentido mais amplo inclui, mas não se limita por isso, ao dom carismático de discernir os espíritos, devendo ser entendida como uma hermenêutica de vida que tem a ver tanto com um dom divino como uma atividade humana que pretende ler os processos internos de todas as coisas (*Ibid.*, p.130).

Sua primeira tese, contudo, é a que se mostra mais complicada, uma vez que, para que ela funcione, Yong negocia a conexão entre o Espírito e o Filho, separando as duas economias.

Pouco depois, em sua obra *The Spirit poured out on all flesh: pentecostalism and the possibility of global theology* reconhece seu erro ao propor a separação da missão do Filho e do Espírito. Nessa obra, ancorado no evento do Pentecostes relatado em Atos 2, no qual

houve uma variedade de línguas para falar a respeito das maravilhas de Deus, considera ser possível pensarmos o testemunho da verdade em suas diversas formas. Para Yong, da mesma forma que a questão da diversidade das culturas e das religiões não podem ser subestimadas, também a unidade da verdade não deveria minar a particularidade de cada voz. Para nosso teólogo, o derramamento do Espírito, seguindo a narrativa do Pentecostes, preserva as diferenças e não as apaga e, assim, “A integridade de cada caminho precisa ser protegida e não subsumida em um sistema todo-inclusivo que ou ignora ou transmuta ilegitimamente seu caráter distintivo (YONG, 2003, p. 195)”.

Nessa mesma obra, Yong tenta abordar o diálogo inter-religioso de maneira efetiva, propondo um diálogo com a religião islâmica. Contudo, ao tentar fazer isso, Yong segue a partir da teologia do pentecostalismo unicista⁴ que não aceita o dogma trinitário. Assim, novamente, compromete a identidade cristã, fazendo sua abordagem pneumatológica desvencilhada da Trindade.

Conclusão

O intuito dessa comunicação foi expor brevemente as tentativas de Clark Pinnock e Amos Yong para uma abordagem pneumatológica do diálogo inter-religioso. Uma coisa que nos chama a atenção é a negociação da identidade cristã que ocorre tentativa de Yong que, em um primeiro momento, separa a economia do Filho da economia do Espírito e, ao fazerem isso, comprometem a questão trinitária que faz parte do cerne da fé cristã. No caso de Pinnock, mesmo que se mostre aberto à verdade em outras religiões, ainda pensa nela como caminho para compreender melhor a questão cristã. Nesse sentido, podemos pensar certo aspecto utilitarista na tentativa de Clark Pinnock. Em outras palavras, a aproximação para com as outras religiões seria para poder

⁴ A ideia do pentecostalismo unicista remete a John Schaepppe e Frank Ewart e considera Jesus como no “nome” de Deus, entendido como Pai, Filho e Espírito. Dessa forma, não há distinção das pessoas em Deus e em Jesus está a completude da divindade encarnada. Cf. YONG, Amos. *The Spirit poured out on all flesh: Pentecostalism and the possibility of global theology*. 2003, p. 205-213.

mostrar para elas os elementos crísticos que carregam e, assim, mostrar que estão dentro do plano divino. Mas, ao fazer isso, não se desconsidera totalmente as outras religiões em si mesmo e seus próprios termos para falar a respeito de Deus?

As duas propostas nos coloca diante de um grande desafio para se pensar de maneira cristã o diálogo inter-religioso contemporâneo. Esse desafio consiste em encontrar maneiras de propor um diálogo inter-religioso verdadeiro, ou seja, aquele no qual se está disposto tanto a falar como também ouvir sabendo que é possível aprendermos uns com os outros, sem cair em tentativas proselitistas, e que, ao mesmo tempo, seja uma proposta que não negocia a identidade cristã em suas tentativas de dialogar com as outras religiões. Sem dúvida, um longo caminho a seguir, ainda que passos importantes sejam dados constantemente na direção de novas abordagens dessa temática tão cara ao Cristianismo contemporâneo.

Referências

609

- KÄRKKÄINEN, Velli-Matti. *Trinity and religious pluralism: the doctrine of trinity in Christian theology of religions*. Aldershot. Ashgate: 2004, 197 p.
- PINNOCK, Clark H.; RICE, Richard; SANDERS, John; HASKER, William; BASSINGER, David. *The openness of God: a biblical challenge to the traditional understanding of God*. Illinois. IVP Academic: 1994, 202 p.
- PINNOCK, Clark. *Flame of Love: a theology of the Holy Spirit*. Illinois. IVP Academic: 1996, 288 p.
- _____. *Most moved mover: a theology of God's openness*. London. Paternoster Press: 2001, 202 p.
- YONG, Amos. *Beyond the impasse: toward a pneumatological theology of religions*. Minnesota. Baker Academic: 2003, 205 p.
- _____. *The Spirit poured out on all flesh: Pentecostalism and the possibility of global theology*. Michigan. Baker Academic: 2005, 320 p.